

# Além da propaganda política: peronismo e cultura na revista Mundo Peronista (1951-1955)

Beyond political propaganda: Peronism and culture in the magazine Mundo Peronista (1951-1955)

Más allá de la propaganda política: peronismo y cultura en la revista Mundo Peronista (1951-1955)

Paulo Renato da Silva<sup>1</sup>

**Resumo:** A partir da revista *Mundo Peronista*, uma das publicações peronistas mais importantes, e do conceito de cultura de Michel de Certeau, o objetivo do artigo é analisar a produção cultural alinhada com o governo de Perón. Apesar de diretrizes centrais como a defesa do “nacional” e do “popular”, a política e a produção cultural peronistas foram marcadas por diferentes concepções sobre essas diretrizes e pela incorporação ou uso de referências culturais estrangeiras. Apesar das intenções de controle do governo e das perseguições sofridas por artistas, escritores e intelectuais de oposição, a produção cultural alinhada ao peronismo foi menos monolítica do que sugerem algumas análises.

**Palavras-chave:** peronismo; cultura; nacional; popular; Revista Mundo Peronista.

**Grande área:** Ciências Humanas.

**Área:** História.

**Abstract:** Based on the magazine *Mundo Peronista*, one of the most important Peronist publications, and Michel de Certeau's concept of culture, the aim of the article is to analyze the cultural production aligned with Perón's government. Despite central guidelines such as the defense of the “national” and the “popular”, the Peronist politics and its cultural production were marked by different conceptions of these guidelines and by the incorporation or use of foreign cultural references. Despite the government's control intentions and the persecution suffered by opposition artists, writers and intellectuals, cultural production aligned with Peronism was less monolithic than some analyses suggest.

**Keywords:** peronism; culture; national; popular; Mundo Peronista magazine.

**Major field:** Human Sciences.

**Field:** History.

## INTRODUÇÃO

A historiografia sobre o peronismo é ampla e diversa. Entre as décadas de 1950 e 1980, o tema predominante foi a relação entre o governo de Juan Domingo Perón (1946-1955) e o movimento operário argentino. Os autores se dividiam – e ainda se dividem – sobre o controle dos trabalhadores pelo governo: enquanto nomes como Gino Germani ([1962]/1973) ressaltaram a “manipulação” dos trabalhadores por Perón, outros como Daniel James destacaram graus de autonomia e as resistências, a despeito de sua “integração” ao peronismo ([1988]/2005)<sup>2</sup>.

Podemos afirmar que somente em 1983 o peronismo foi analisado sob uma perspectiva predominantemente cultural. Nesse ano foi lançado o livro *Política y cultura popular: la Argentina peronista* (1983), de Alberto Ciria. Apesar de o título indicar uso da “cultura popular” pelo peronismo, uma das principais contribuições do livro é apresentar a heterogeneidade do governo de Perón no âmbito cultural – o autor inclusive diferencia a “cultura popular” da “autopercepção oficial” sobre o tema. (Ciria, 1983, p. 213-218). Essa heterogeneidade, segundo Ciria, foi fruto do pragmatismo peronista, mas também da elasticidade própria das dinâmicas culturais. A cultura aparece como um instrumento político, mas também como elemento historicamente compartilhado por diferentes grupos políticos e sociais.

Um exemplo bastante conhecido dado pelo autor é o uso do Teatro Colón, em Buenos Aires, pelo peronismo. Considerado um reduto de “elite”, o Teatro, durante o governo de Perón, foi utilizado para apresentações culturais com temas e autores nacionais a preços acessíveis. Segundo Ciria, apesar de os trabalhadores terem passado a frequentar o espaço, a manutenção de sessões de gala em dias de feriado pátrio e das homenagens no local a visitantes ilustres indicariam permanências dos usos tradicionais do Colón, mesmo em um governo “nacional/nacionalista” e “popular” como o de Perón.

Contudo, a perspectiva do pragmatismo e da elasticidade não deu o tom em outros trabalhos sobre o tema. Mariano Ben Plotkin ([1994]/2007) e Maria Helena Capelato ([1998]/2009) relacionam a produção cultural à propaganda política, o que levou ambos os autores a priorizarem as convergências entre o governo e os aliados de Perón em detrimento de suas diferenças na esfera cultural. Ainda que Plotkin e Capelato destaquem insucessos que marcaram essa propaganda política – Capelato lembra, por exemplo, que inexistiu um pensamento único na Argentina naqueles anos –, o que se sobressai nos dois autores é o autoritarismo peronista e seu dirigismo no âmbito cultural.

Marcela Gené critica a ênfase dada por Capelato à influência do nazifascismo sobre a propaganda peronista – ainda que a autora seja cuidadosa em diferenciar o peronismo do nazifascismo. Gené considera a explicação de Capelato, ao enfatizar a “transferência direta de modelos importados limita a possibilidade de considerar as contribuições das tradições e práticas políticas locais” (Gené, 2008, p. 16).<sup>3</sup>

Além da necessidade de considerar as tradições e práticas políticas locais, é preciso analisar a produção cultural alinhada ao peronismo como resultado direto ou indireto de uma política cultural. Para Michel de Certeau, política cultural é “um conjunto *mais ou menos* coerente de objetivos, de meios e de ações que visam à modificação de comportamentos” ([1974]/2003, p. 195, grifo nosso) – o “mais ou menos coerente” nos lembra que há divergências em políticas culturais. Portanto, se trata de um espaço de tensões entre pensamentos e comportamentos desejados e os herdados histórica e culturalmente. Michel de Certeau lembra que a cultura é, por um lado, aquilo que se inventa, que irrompe, que transgride, que pretende se tornar referência um dia. Por outro, existem “as lentidões [...] que se acumulam na espessura das mentalidades, certezas e ritualizações sociais, via opaca, inflexível, dissimulada nos gestos cotidianos, ao mesmo tempo os mais atuais e milenares” (Certeau, [1974]/2003, p. 239).

Outra necessidade é retomar o que Ciria apontou já nos anos 1980: cabe diferenciar a “cultura popular” da percepção que o governo de Perón e seus aliados tinham sobre o tema. Natalia Milanesio, ao pesquisar sobre publicidade e consumo durante o governo de Perón, lembra que os setores populares, quando aparecem nas fontes, são uma “categoria cultural imaginada” (Milanesio, 2014, p. 13). O “popular” foi criado – e é constantemente recriado – para demarcar diferenças sociais e culturais, legitimar projetos políticos e alimentar identidades de classe, nacionais ou regionais, dentre outras. Assim, o “popular”, assim como o “nacional”, não devem ser analisados como elementos empíricos, mas a partir das disputas existentes entre o governo de Perón e os opositores no âmbito cultural – o que levou a diferenças entre os próprios peronistas sobre como se posicionar nessas disputas<sup>4</sup>.

A partir da revista *Mundo Peronista*, uma das publicações peronistas mais importantes, o objetivo deste artigo é analisar a produção cultural alinhada com o governo de Perón. Apesar de diretrizes centrais como a defesa do “nacional” e do “popular”, a política e a produção cultural peronistas foram marcadas

por diferentes concepções sobre essas diretrizes e pela incorporação ou uso de referências estrangeiras. A despeito das intenções de controle do governo e das perseguições sofridas por artistas, escritores e intelectuais de oposição, a produção cultural alinhada ao peronismo foi menos monolítica do que sugerem algumas análises. *A Mundo Peronista* foi uma tribuna de defesa da política cultural peronista, mas, por vezes, veiculou ou se referiu a manifestações culturais que destoavam dos principais pilares defendidos pelo governo.

### **MUNDO PERONISTA: UM MUNDO PARA OS PERONISTAS E POR UM MUNDO COM MAIS PERONISTAS**

Apesar do crescente interesse da historiografia sobre o peronismo por temas culturais, ainda há notórias lacunas e questões a serem aprofundadas. Uma delas é a revista *Mundo Peronista*. A revista foi uma publicação da Escola Superior Peronista que circulou entre julho de 1951 e setembro de 1955. A Escola foi inaugurada em março de 1951 com o objetivo de oferecer cursos que formassem lideranças peronistas e orientassem os setores populares a se organizar e defender o governo de Perón. *A Mundo Peronista* foi dirigida pelo escritor Jorge Newton<sup>5</sup> e impressa pelo grupo Editorial Haynes.<sup>6</sup> Dentre as publicações alinhadas com o governo de Perón, foi uma das mais longevas e de maior tiragem – teria oscilado entre 50 e 100 mil exemplares por número<sup>7</sup>. Além disso, foi uma revista que se destacou pela qualidade técnica, de diagramação e pelo uso abundante de imagens.

A vinculação com a Escola Superior Peronista fez com que a revista fosse lida especialmente a partir do viés da propaganda política. Claudio Panella se refere à *Mundo Peronista* como uma “tribuna de doutrina e propaganda”. Segundo o autor, seu objetivo era “reafirmar ‘o peronismo dos peronistas’, dando-lhes deste modo argumentos para enfrentar as críticas opositoras” (Panella, 2010, p. 289).

Raquel Fernandes Lanzoni (2022) desenvolve leitura semelhante em sua dissertação de mestrado, o que se evidencia já no título: *Por um peronismo “sin peros”: propaganda política em Mundo Peronista (1951-1955)*. A partir da revista, a autora analisa como o peronismo concebia o papel das mulheres, se apropriava da História e atrelava o progresso ao bem-estar popular. Lanzoni considera que o objetivo da *Mundo Peronista* era “irradiar a doutrina e conquistar corações e mentes” (Lanzoni, 2022, p. 47).

Panella e Lanzoni estão corretos ao associar a *Mundo Peronista* à propaganda política<sup>8</sup>. As capas da revista sempre aludiam a Perón e Evita, juntos ou separadamente, representando – e reforçando – a liderança de ambos no governo, no partido e no movimento peronista. Após a morte de Evita em 1952, as capas também cumpriram um papel importante na sacralização da primeira-dama e de sua memória. Além das capas, contos e poesias publicados pela revista frequentemente enalteciam as biografias e ações de Perón e Evita. Papel semelhante cumpriam as cartas de leitores publicadas pelo periódico. Seções como “O Livro Peronista” comentavam livros que enalteciam Perón, Evita e o governo peronista. Planos e medidas governamentais eram amplamente divulgados e defendidos.

A propaganda cumpria um papel central em outro objetivo da revista, a organização do partido e do movimento peronistas. As atividades da Escola Superior Peronista e das Unidades Básicas eram constantemente divulgadas e das páginas da *Mundo Peronista* saíam “peronistas ideais”, marcados pela fidelidade à “causa” e abnegação de interesses pessoais<sup>9</sup>. Uma das principais seções dedicadas a esse propósito foi “O Exemplo Peronista”, a qual relatava pensamentos e condutas “notáveis” de diferentes peronistas.

Uma contrapartida da propaganda e da organização do partido e do movimento eram as críticas aos opositores. Em diferentes seções do periódico, os opositores, especialmente os da União Cívica Radical (UCR), eram associados à “oligarquia” e aos interesses imperialistas e as suas “contradições” eram expostas. Os opositores de esquerda, sobretudo os comunistas, eram atrelados à União Soviética e teriam falhado na defesa dos interesses dos trabalhadores. A “oligarquia” e os comunistas ameaçariam a cultura argentina, pois suas principais referências culturais seriam estrangeiras.

Na *Mundo Peronista* observamos pontos recorrentes da política e produção cultural peronistas, reiterados tanto por Perón e Evita como por outras publicações alinhadas com o governo. A produção cultural deveria ser representativa do “nacional” e “popular” e colaborar para as transformações da “Nova Argentina” de Perón, o que implicava o engajamento de artistas, escritores e intelectuais no peronismo.

A revista considerava que a cultura argentina tinha contribuições da Grécia e Roma antigas, do cristianismo, da colonização espanhola e das “culturas modernas” (Esta [...], 1952, p. 24-27). O peronismo era pautado por um cunho

seletivo quanto a essas referências. No número 35, a revista destaca que, em matéria cultural, o objetivo do governo era conformar uma cultura nacional, de conteúdo “popular, humanista e cristão, inspirada nas expressões universais das culturas clássicas e modernas e da cultura tradicional argentina, *na medida em que concordem com os princípios da doutrina nacional*” (Cultura, 1952, p. 20, grifo nosso). Observa-se, assim, que a “doutrina peronista” deveria se sobrepôr às referências culturais.

No âmbito da cultura argentina, o peronismo valorizava o campo, o gaúcho e seus costumes. O gaúcho era considerado representativo dos habitantes do campo e de uma identidade nacional “intocada” pelas influências estrangeiras. “As manifestações tradicionais colaborarão para a integração da unidade espiritual do Povo, mediante a mais ampla difusão das autênticas expressões culturais autóctones” (Cultura, 1952, p. 20). Dentre as manifestações culturais, a “exaltação dos costumes regionais” era um dos objetivos mais importantes do governo (Cultura, 1952, p. 20).

Para o governo de Perón, a cultura seria universal apenas se consolidasse, antes, sua dimensão nacional. Portanto, o nacional aparecia como uma etapa para a universalidade da cultura. A cultura argentina, se seguisse os princípios da “doutrina peronista”, seria universal como o próprio peronismo acreditava sê-lo.

Contudo, a *Mundo Peronista* não esteve imune à complexidade da cultura. Conforme alerta Michel de Certeau, um “mal-estar constante” ronda a cultura; dada a sua flexibilidade, a “análise desliza em toda parte sobre a incerteza que prolifera nos interstícios do cálculo, visto que ela não está ligada à enganosa estatística dos sinais objetivos” (Certeau, [1974]/2003, p. 233). A cultura é pautada por diferentes referências formativas, as quais oscilam entre convergências, apropriações e tensionamentos. As categorias “cultura argentina”, “nacional”, “popular” e “peronista”, recorrentes no discurso do governo de Perón e de seus aliados, tampouco superaram esses tensionamentos; a própria existência de diferentes termos, tomados muitas vezes como sinônimos, indica a complexidade da questão cultural no período<sup>10</sup>.

Conforme citado acima, o peronismo reivindicava heranças culturais da Grécia e Roma antigas. Na abertura do ano escolar de 1952, a *Mundo Peronista* destacou o discurso de Perón às crianças:



Quando eu tinha a idade de vocês, eu gostava de pensar na grandeza de minha Pátria, sonhava com suas glórias e com seus triunfos e pensava com orgulho que alguma vez o nome da República Argentina cobriria com sua fama os caminhos do mundo...como Grécia ou como Roma (*Mundo Peronista apud Esta [...]*, 15 abr. 1952, p. 24).

A Grécia antiga é apontada como modelo de sociedade que teria conciliado soberania e cultura, ainda que “por breves décadas” – outro exemplo citado é a Florença dos Médicis (*Cultura [...]*, 1951, p. 30). Outras referências à Grécia evocam a formação integral do homem. Em matéria sobre a “primavera estudantil peronista”, marcada por atividades de pintura, a *Mundo Peronista* se refere ao princípio da “velha fórmula latina ‘mens sana in corpore sano’ [mente sã corpo são]” e destaca que na Argentina haveria uma “decidida vocação para repetir o milagre da Grécia de Péricles” quanto ao “desenvolvimento físico e espiritual” dos estudantes. (*Testimonios [...]*, 1954, p. 10-11). Os esportes foram destacados na revista como outro elemento da formação integral defendida pelo peronismo, assim como o eram na Grécia clássica. (*J. G.*, 1955, p. 39)<sup>11</sup>.

A complexidade da questão cultural no peronismo pode ser vista em alguns exemplos tomados dos próprios autores que analisam a *Mundo Peronista* prioritariamente como propaganda política. Lanzoni, por exemplo, apresenta dados interessantes sobre cursos oferecidos por Unidades Básicas Femininas (UBFs). A autora mostra que a UBF localizada no número 5161 da Rua Rivadavia, em Buenos Aires, foi tema do número 24 da *Mundo Peronista*. Lanzoni destaca que, segundo a revista, das 910 matriculadas nos cursos, 60 aprendiam inglês em níveis básico ou superior, 15 cursavam francês e um número não especificado aprendia violino – o número não foi divulgado, pois o curso tinha começado recentemente (Lanzoni, 2022, p. 111-112). O curso de danças clássicas, folclóricas e espanholas, mais próximo do nacionalismo e hispanismo comumente associados ao peronismo, apresentava um número maior de matriculadas, 180. Apesar da discrepância no número de matriculadas, os cursos demonstram que a UBF comportava diferentes referências culturais. Além disso, os cursos de inglês e francês indicam que a UBF tampouco restringia a mulher trabalhadora a papéis tradicionais de gênero e classe social, ainda que também oferecesse cursos como corte e confecção (210 matriculadas), bordado e lingerie (35), bordado com máquina (15), tecido (20), brinquedos (15), chapelaria (110), economia doméstica (40), taquigrafia (25), [...] curso de declamação (10), desenho de pintura (40), [...]



corte e confecção de camisas masculinas (35) e ajuda escolar (40) (Lanzoni, 2022, p. 111).

No número 25, a revista abordou a UBF localizada no número 55 da Rua Fray Cayetano, também em Buenos Aires. Os cursos de inglês oferecidos pela UBF são destacados ao lado de outros como “confecção de chapéus, corte e costura, bordado, economia doméstica e datilografia” (Lanzoni, 2022, p. 112). No número 54, a revista destacou o curso de francês como um dos oferecidos pela UBF de Ciudad Eva Perón. (Lanzoni, 2022, p. 114)<sup>12</sup>.

A relação com a cultura francesa é ambígua na revista. Por um lado, a cultura francesa estaria em “decadência”. No número 89, publicado em 1º de julho de 1955, Rina Zanitti escreve um comentário bastante crítico a *Bonjour Tristesse* [Bom dia Tristeza], da então jovem escritora francesa Francisca Sagan, que contava com apenas 19 anos. Zanitti destaca que Sagan pertencia “a uma família da classe acomodada de seu país” e que o livro ganhou o “prêmio dos críticos da França do ano de 1954” (Zanitti, 1955, p. 18). Segundo Zanitti, inexistia no livro uma mensagem “digna, humana, bela” – defesa recorrente no discurso cultural peronista. As personagens, “profundamente materialistas”, canalizariam as suas inquietações satisfazendo os seus “apetites sexuais”. Ao comentar a concessão do prêmio, Zanitti considera que a “crítica francesa não é produto de uma improvisação, já que responde a uma *honrosa tradição*: ela julgou a Balzac, Victor Hugo, Verlaine, Claudel, etc., etc” (Zanitti, 1955, p. 18, grifo nosso). Assim, segundo Zanitti, os críticos considerariam a obra como representativa da juventude francesa.

Porém, Zanitti evita generalizar o livro como representante da juventude francesa. Destaca que se recusa a aceitar a obra “por solidariedade com os jovens franceses, herdeiros de uma das culturas *mais respeitadas dos tempos modernos e expoente por excelência da civilização ocidental*” (Zanitti, 1955, p. 18, grifo nosso). Tampouco há uma crítica generalizada em relação ao próprio livro. Apesar de discordar de sua mensagem, Zanitti chega a reconhecer méritos na escrita da obra, a qual teria “ritmo bastante ágil, os fios que despertam o interesse e o mantêm são manejados com habilidade, [e] a prosa é agradável sem afetação nem rebuscamento” (Zanitti, 1955, p. 18).

O existencialismo foi outra manifestação da cultura francesa presente na *Mundo Peronista* – ainda que o existencialismo não se restringisse à França. A principal crítica da revista ao existencialismo recaía na crença de que inexistiria

um sentido para a vida, o que contrariava a “doutrina peronista”. Entretanto, nomes como Sartre e Gabriel Marcel são poupados pelo periódico. Na coluna *Entre Você e Eu* [*Entre Usted y Yo*], Silo Gismo explica que sua crítica ao existencialismo não se referia ao “existencialismo de Sartre e menos ainda de Gabriel Marcel” (Silo Gismo, 1953, p. 15)<sup>13</sup>. Em uma nota sobre o tema, a revista tece críticas preconceituosas e inclusive racistas contra jovens argentinos que se intitulavam como existencialistas. A nota destaca que os jovens comiam “deitados no chão, como os índios” e dançavam “ao som de um jazz, todo o repertório de *bailes simiescos* importados pelos Estados Unidos” (Vayan [...], 1953, p. 13, grifo nosso). A revista desvincula Sartre desses jovens. *Mundo Peronista* destaca que, para o filósofo francês, esses jovens não teriam compreendido o existencialismo. (Vayan, 1953, p. 13). Sartre e Gabriel Marcel ainda são poupados de críticas no último número da revista, quando são definidos como “existencialistas sérios” (Coexistencialismo [...], 1955, p. 50).

Os franceses ainda aparecem na *Mundo Peronista* legitimando o peronismo. Um ponto tratado por Lanzoni e Panella é o espaço que a revista dava ao reconhecimento externo obtido por Perón e Evita. Panella destaca que a revista publicou expressões laudatórias de numerosos diplomatas, jornalistas, políticos, escritores e artistas estrangeiros destinadas à “Nova Argentina” e a Perón e Evita. (Panella, 2010, p. 16). Lanzoni dá um exemplo interessante dessa busca de legitimação a partir do exterior: no número 49, de setembro de 1953, a revista publicou o depoimento da francesa Vera Nodstrom, que tinha emigrado para a Argentina. Nodstrom traduzia discursos de Perón ao francês e os enviava a conhecidos na França. Lanzoni destaca que Nodstrom exprimiu “com certo pesar o fato de os argentinos não saberem muito bem o que é o peronismo, mas que para as pessoas de outros países o governo de J. Perón era ‘uma revolução dos valores humanos [...]’ (Lanzoni, 2022, p. 126). Esses exemplos destacados por Panella e Lanzoni indicam que o peronismo tentou se legitimar a partir de referências externas, a despeito do nacionalismo que pautava seu discurso.

A América Latina também ocupa um espaço importante em *Mundo Peronista*. Não era incomum a publicação de cartas de leitores de outros países da região, “maravilhados” com as conquistas da “Nova Argentina”. Além dessas cartas, Lanzoni destaca a participação das paraguaias Aida Rojas e Zolia De Santos, as quais elogiaram o peronismo nas páginas da revista (Lanzoni, 2022, p. 124-126). A autora também menciona a matéria feita com Maria de La Cruz, fundadora do Partido Feminino Chileno, a qual teria ido à Argentina para aprender a organizar

os trabalhadores e teria elogiado Eva Perón como a “mulher do século e a redentora da classe trabalhadora” (Lanzoni, 2022, p. 127). Evidentemente que essas matérias estão inseridas em um contexto de aproximação política e econômica da Argentina com os países vizinhos e, portanto, podem ser enquadradas como propaganda política. Contudo, esses exemplos reforçam que o “nacional” foi insuficiente como referência histórico-cultural do peronismo.

A revista ressalta as semelhanças da Argentina com os países da região. A ação do imperialismo norte-americano seria um dos elos que ligariam a Argentina aos seus vizinhos. No número 28, publicado em 1º de setembro de 1952, *Mundo Peronista* cita um editorial do *New York Times* sobre a existência de um “nacionalismo latino-americano”. Segundo a revista, o próprio jornal norte-americano teria reconhecido que esse nacionalismo seria oriundo “dos dias de intervencionismo e de exploração econômica norteamericana”. Segundo o *New York Times*, esses dias “teriam passado”, o que é refutado por *Mundo Peronista* (Internacionalismo [...], 1952, p. 9).

Na revista, a relação da história e cultura argentinas com outros países da América Latina encontrou um de seus pontos altos nas visitas de Perón ao Chile e ao Paraguai. No número 39, publicado em 15 de fevereiro de 1953, a revista destaca que nacionalismo e internacionalismo seriam convergentes para o peronismo, mas o mesmo não ocorreria sob o imperialismo capitalista e o comunista (Nacionalismos [...], 1953, p. 45). No mesmo número, a ida de Perón ao Chile é comparada com a travessia dos Andes por San Martín. Ambos os casos representariam a busca de união e emancipação do continente. (La hora [...], 1953, p. 46). Um exemplo da importância dada à visita ao Chile é a capa do número 40, publicado em 1º de março de 1953. Nela constam Perón e Carlos Ibañez del Campo, presidente chileno (1927-1931; 1952-1958), quebrando o predomínio de capas dedicadas exclusivamente aos líderes peronistas.

Durante a publicação da revista, Perón foi duas vezes ao Paraguai. Na primeira vez, em 1953, o presidente paraguaio era Federico Chaves (1949-1954). A viagem ao Paraguai é igualmente marcada por críticas aos Estados Unidos, os quais estariam incomodados com a “repercussão internacional do Justicialismo, e particularmente na América” (Hacia [...], 1953, p. 18). O povo paraguaio é definido como “muito nobre e heroico” e seria ligado à tradição argentina “por eternos vínculos de sangue e de história” (Hacia [...], 1953, p. 18)<sup>14</sup>.

A visita ao Paraguai é comparada à que Perón tinha feito ao Chile. Um exemplo da repercussão internacional do peronismo seria a presença expressiva de brasileiros e bolivianos em Asunción durante a visita de Perón (En la [...], 1953, p. 25-26).

O escritor Américo Barrios acompanhou a visita de Perón ao Paraguai e publicou o seu relato na *Mundo Peronista*. O escritor se refere a elementos característicos da cultura do país como a “dança da garrafa”<sup>15</sup> e o nhanduti<sup>16</sup> e relata que Perón tinha chupado laranja “à moda paraguaia”<sup>17</sup> (Barrios, 1953, p. 31-32). “O general Perón, com naturalidade, sem esforço, mais do que isso, tranquilamente, participava como mais um paraguaio em toda a festa oferecida em sua homenagem.” (Barrios, 1953, p. 32). Os interesses políticos e econômicos dessa representação de Perón como “mais um paraguaio” são inquestionáveis, pois estava em curso a implantação do Convênio de União Econômica Argentino-Paraguaio, um amplo acordo comercial entre os dois países. De qualquer modo, indica como o nacionalismo é uma chave explicativa incompleta para a compreensão do peronismo em termos culturais.

A primeira visita de Perón ao Paraguai ocorreu poucos dias antes do 17 de outubro de 1953 e a viagem repercutiu na celebração máxima do peronismo<sup>18</sup>. Ao comentar a festa, *Mundo Peronista* destaca que, na Praça de Maio, “autofalantes repetiam constantemente” polcas paraguaias e, “junto às bandeiras argentinas que lotavam a grande praça, se agitavam as cores das bandeiras da pátria de López” (Música [...], 1953, p. 22). Naquele dia, Perón leu o “decálogo da irmandade argentino-paraguaia” e, segundo a revista, cada frase teria sido ovacionada pelo povo reunido na Praça (Música [...], 1953, p. 22)<sup>19</sup>. O decálogo é publicado pela *Mundo Peronista*, seguido de fotos de Perón e do presidente paraguaio Federico Chaves. Após as fotos, um anúncio da Frota Argentina de Navegação Fluvial celebra a “irmandade e a união econômica” entre os dois países.

A segunda visita, em 1954, aconteceu durante a posse do general Alfredo Stroessner como presidente do Paraguai, quando foram devolvidos “troféus de guerra” que estavam em poder da Argentina<sup>20</sup>. Assim como a primeira, a nova visita de Perón ao Paraguai é tratada pela *Mundo Peronista* como um episódio de transcendência americana. Perón é apresentado como um “missionário da paz americana na hora dos povos” (Perón [...], 1954, p. 24). Os troféus, por sua vez, são destacados como “reliquias históricas de um passado comum” (Perón [...], 1954, p. 29).

O imperialismo foi um argumento central para o peronismo se aproximar de outros países da região, pois todos sofreriam suas consequências e precisariam se unir contra ele. Entretanto, outros elementos também estiveram presentes nessa construção de uma história e cultura em comum com os países vizinhos. Um desses elementos foi o cristianismo. O peronismo seria movido por “ideais cristãos”, o que alimentava o anticomunismo e foi inclusive ponto de disputa com a Igreja Católica, especialmente no segundo mandato de Perón iniciado em 1952. Um dos pontos de discórdia com a Igreja era a sacralização de Perón e Evita pelo governo e seus aliados, o que era endossado pela propaganda política.

Um exemplo de como o cristianismo era apontado como um vínculo entre os países da região encontramos no número 18 da *Mundo Peronista*, publicado em 1º de abril de 1952. Sob o título *Americanista*, a revista comentou uma poesia do leitor uruguaio identificado pelas iniciais J. P. G., a qual exalta os argentinos e Perón. A revista relaciona peronismo e cristianismo ao explicar a identificação do leitor “do outro lado do Prata” com Perón. “J. P. G. compreendeu que a Doutrina Peronista, profundamente cristã, está destinada a cruzar fronteiras e continentes, pois onde houver homens de boa vontade haverá seguidores da Doutrina de Perón” (*Americanista*, 1952, p. 34).

A construção de uma história e cultura em comum com os países vizinhos não significa que o “nacional” não tenha sido o principal elemento cultural reivindicado pelo peronismo e pela revista. O folclore, em suas diferentes manifestações, ocupou um lugar central na prédica nacionalista da revista. No número 10, publicado em dezembro de 1951, há uma defesa da lei que obrigava as salas de espetáculos a tocarem 50% de música argentina. A matéria relaciona a “música argentina” especialmente com paisagens do interior do país. “Pampa e serra. Sentimento gaúcho. Argentinidade plena na era patriota de Perón.” (Por la [...], 1951, p. 20).

Entretanto, no número 9, notamos como a reivindicação do campo e do interior não excluía a valorização da “cultura metropolitana”, centrada em Buenos Aires. Levar essa “cultura metropolitana” ao campo e às cidades interioranas era apresentado como um ato de justiça social. Além disso, seria uma tarefa necessária para a construção de uma cultura argentina com “fisionomia própria”. Na matéria *Até no Povoado Mais Distante...*, a cultura é definida como “universal”, mas, antes, pertenceria a cada povo que a criou, motivo pelo qual seria fundamental voltar “à única fonte de inspiração natural dos povos: sua própria terra” (Hasta [...], 1951,

p. 20). Conforme já destacamos, buscava-se uma conciliação entre o nacional e o universal. O nacional é apresentado como uma etapa necessária para a cultura argentina atingir um status universal. A matéria relata que um “exímio pianista” se apresentou em uma “distante e pequena localidade do interior” e que os filhos do carroceiro Juan Galarza estiveram no público. “Eles, como a mãe, nessa distante solidão, somente escutavam em alguns entardeceres [...] as tristes e doces notas do violão paterno” (Hasta [...], 1951, p. 20). Contudo, no dia do concerto, o pianista, “embaixador da cultura peronista”, arrancou “da alma de seu piano as notas” que as crianças escutaram “pela primeira vez em sua vida” (Hasta [...], 1951, p. 20). Não sabemos se o “exímio pianista” e a família de Juan Galarza se referem a uma história real. De qualquer modo, na matéria, violão e piano aparecem como elementos da cultura argentina.

O piano e o violão também aparecem lado a lado no número 37 da *Mundo Peronista*, no qual é exaltado o “Extraordinário Ressurgimento Cultural em San Juan”, capital da Província homônima. O “ressurgimento cultural” é atribuído principalmente ao “Salão Cultural Eva Perón”. O local seria palco de “variadas expressões artísticas”, como exposições de pintores locais. O texto é acompanhado pela foto de um pianista com uma cantora (Extraordinario [...], 1953, p. 47).

Na mesma página, ao lado da matéria sobre San Juan, foi publicada a nota *Violão e Plano Quinquenal*. A nota celebra a produtividade do campo, com milhões de toneladas de trigo, e os planos de desenvolvimento para o interior. Além disso, destaca o violão como instrumento musical representativo do interior e aponta que o desenvolvimento conviveria com as tradições culturais:

[...] nosso interior, ligado ao velho gaúcho e ao velho umbu, rejuvenesceu com as energias mais potentes de sua pureza. Seguirá com suas zambas, malambos, bailecitos e chamamés, mas também com seus Planos Quinquenais. Terra autóctone e peronista: violão e Plano Quinquenal (Guitarra [...], 1953, p. 47)<sup>21</sup>.

Há outras menções ao piano na revista que mostram a existência de referências culturais variadas dentro do peronismo – e dentre os peronistas. No número 12, publicado em 1º de janeiro de 1952, a seção *O Exemplo Peronista* abriu espaço para a história de Heriberto Aurelio Bargiela, um jovem de 16 anos que tinha se formado como professor e desejava ser engenheiro. Bargiela vivia “em uma humilde casa do bairro de Flores” em Buenos Aires e é descrito como um “jovem



peronista” que realizava seu destino graças ao “regime superiormente humano e justo” de Perón (Vocación [...], 1952, p. 10). Dentre as fotos que ilustram a matéria, Bargiela aparece sentado ao piano com a seguinte legenda: “Sobra-lhe tempo para se dedicar um pouco ao piano. A música representa um oásis espiritual para sua ocupada inquietude vocacional” (Vocación [...], 1952, p. 11).

No número 38, publicado em 1º de fevereiro de 1953, foi publicada uma matéria sobre a Cidade Infantil, uma das principais obras atribuídas à Eva Perón<sup>22</sup>. A matéria foi publicada após o falecimento da primeira-dama e é um exemplo dos textos que a rememoravam. Uma das fotos que ilustram a matéria é justamente de uma criança tocando um piano na Cidade Infantil, sendo assistida por outras. “Sentia-se [Evita] orgulhosa de sua Cidade!...E mais ainda de suas crianças”, destaca a legenda que acompanha a foto. (La señora [...], 1953, p. 27).

Outra matéria sobre a formação artístico-cultural de crianças encontramos no número 64, publicado em 1º de maio de 1954. A revista abriu espaço para a Escola Infantil de Artes Plásticas de Tucumán, mantida pelo governo da Província. A matéria destaca que a escola oferecia cursos de desenho, pintura, gravura e modelagem e seria um exemplo do que ocorreria “em Tucumán, em Buenos Aires, em Mendoza, em todas partes” (El niño [...], 1954, p. 19). A educação artística das crianças argentinas seria “popular e intensiva” e abarcaria “artesanatos artísticos, músicas e danças folclóricas”. (El niño [...], 1954, p. 19).

Observa-se inicialmente uma crítica velada a expressões artísticas reconhecidas ou práticas pedagógicas vigentes. Na Escola Infantil de Artes Plásticas de Tucumán, “nenhuma pedagogia especial ou pedante” pressionaria as crianças (El niño [...], 1954, p. 19). Contudo, é interessante que, ao elogiar um dos quadros, a matéria recorra ao pintor francês Henri Matisse (1869-1954). “Diante de uma tela foi impossível não pensar em Matisse, nada menos que Matisse: é uma pintura de uma criança de nove anos que, naturalmente, não tem a menor ideia do que é um Matisse” (El niño [...], 1954, p. 19). A comparação do quadro da criança tucumana com Matisse é mais um exemplo de como o peronismo recorria a referenciais estrangeiros, apesar do discurso nacionalista de defesa do “nacional” e “popular”.

A questão não passava apenas pelos temas ou nacionalidade das produções artístico-culturais que circulavam na Argentina. O peronismo enfrentou questões relativas à forma de se expressar artística e culturalmente. Um exemplo duplo encontramos na seção *O Livro Peronista* do número 28 da revista, publicado em 1º de setembro de 1952. Ao comentar *Eterno Ceibo*, de Roberto Mara, a revista



destaca que a inspiração do autor “não seguiu campestres octossílabos, mas a *difícil forma do soneto clássico, talvez para ganhar mais altura*” (Eterno [...], 1952, p. 22, grifo nosso)<sup>23</sup>. Outro livro resenhado no mesmo número foi *La Patria en Marcha*, de Eduardo V. Reynoso, apresentado como um livro de poemas gauchescos “pela forma e colorido de sua expressão, *mas de muita atualidade* pelos temas que abordam” (La Patria [...], 1952, p. 22, grifo nosso)<sup>24</sup>. No primeiro caso, a revista indica que o autor teria recorrido ao “soneto clássico” possivelmente para obter maior reconhecimento intelectual, o que não seria igualmente proporcionado pelos versos octossílabos “campestres”; no segundo, é interessante que o comentário relacione a poesia gauchesca ao passado; os poemas teriam forma “e colorido” gauchescos, *mas* teriam temas atuais. O comentário indica o objetivo, mas também a dificuldade do peronismo em conciliar o apelo às tradições com as transformações em curso na sociedade argentina, muitas delas promovidas pelo próprio governo de Perón – o que também apontamos acima ao comentarmos a nota *Violão e Plano Quinquenal*.

No número 5, publicado em 15 de setembro de 1951, a revista destacou o acesso dos trabalhadores ao Teatro Colón, o que descontentaria às elites. Na matéria, o acesso dos trabalhadores ao Teatro é elogiada pelo maestro italiano Tulio Serafín (1878-1968), pelo maestro alemão Wilhelm Furtwängler (1886-1954) e pelo maestro polonês Artur Rodzinski (1892-1958), apresentados como “os maiores artistas do mundo” (3 opiniones [...], 1951, p. 15). Serafín teria elogiado a “sensibilidade privilegiada” da “massa obreira”; Furtwängler teria manifestado cansaço com o “público esnobe” e Rodzinski encontraria nessas apresentações a sua “máxima inspiração” (3 opiniones [...], 1951, p. 15). Todos tinham se apresentado no Colón nos anos anteriores, durante o governo de Perón. Não é demais ressaltar que os três maestros eram estrangeiros.

Outro exemplo do peso de referenciais estrangeiros na *Mundo Peronista* encontramos no número 7, publicado em 15 de outubro de 1951, no qual são elogiadas as apresentações da Orquestra Sinfônica do Estado Argentino para estudantes do interior. Dentre as sete referências musicais destacadas pela revista, seis são estrangeiras. “Passarão os anos. Mas sempre recordarão [os estudantes] quem foi Haydn, Mozart, Glück, Beethoven, Bach, Pergolesi, Aguirre [...]” (Haydn [...], 1951, p. 30).<sup>25</sup>

Apesar dessa reivindicação de referências internacionais no âmbito da música clássica, no mesmo número encontramos uma matéria que apresenta uma

perspectiva nacionalista ao se referir à arte mural, a qual teria sido ressignificada pelo peronismo. Enquanto no México e Peru essa expressão artística demonstraria “graves problemas sociais e econômicos”, na Argentina materializaria “a visão positiva de um povo digno e feliz” (Arte [...], 1951, p. 35). A produção argentina priorizaria a representação das “danças nativas” e paisagens do país, da fauna e flora, dos episódios históricos e do trabalho no campo e na indústria.

Assim, na revista, a relação da produção argentina com referenciais estrangeiros variou dependendo da manifestação artístico-cultural: enquanto referências externas parecem validar ações do peronismo no âmbito da música clássica, no que se refere à arte mural há um distanciamento em relação à produção mexicana e peruana, apesar da reivindicação que o peronismo fazia de uma história em comum com os demais países latino-americanos.

Acima destacamos um comentário racista da *Mundo Peronista* em relação aos indígenas e negros, quando a publicação criticou os jovens existencialistas. Apesar disso, a revista também evocou – e se apropriou de – uma Argentina indígena e negra. Ainda que essas referências tenham ocupado um espaço bastante diminuto no periódico, acrescentam elementos importantes à complexidade cultural do peronismo.

O número 90-91, publicado em 1º de agosto de 1955, foi dedicado aos três anos de falecimento de Eva Perón. Nele, o poeta e escritor Luis Horacio Velázquez publicou o poema *La Diosa Caa-Yari*, no qual aproxima Eva Perón da deusa guarani que teria dado origem à erva-mate e protegeria os trabalhadores ervateiros. “Eva Perón é Caa-Yari desperta”, canta um dos versos (Eva [...], 1955, p. 23).<sup>26</sup>

A seção *O Exemplo Peronista* do número 77, publicado em 1º de dezembro de 1954, destaca a obra da escultora Elena Castro de Bordigoni, a qual atuava na Província de Formosa. Além de peças representando Perón e Evita, sua obra contemplava os indígenas. O indígena é colocado pela escultora dentre os “humildes da terra”. “Conheço o índio e formei parte de instituições que defendiam seus direitos humanos” (*apud* La abuelita [...], 1954, p. 5). Segundo a *Mundo Peronista*, a expressão dos indígenas, na obra da artista, era “viva” e “dolorosa” (La abuelita [...], 1954, p. 5). A matéria é um exemplo de como o discurso peronista repercutiu de modo diferenciado pelo país, a partir de particularidades locais e regionais como a presença indígena em Formosa. É preciso considerar, ainda, as trajetórias, habilidades e interesses específicos dos artistas e intelectuais identificados com o governo.

Sobre as representações de argentinos negros e suas apropriações pelo peronismo, temos dois exemplos interessantes em *Mundo Peronista*. O conto *Chocolate*, publicado na seção infantil *Nosso Pequeno Mundo*, conta a história de Andrés, um menino negro, órfão, que foi adotado por um casal, os Hernández. Por um lado, o conto, ao valorizar o menino, remete a parâmetros de branquitude<sup>27</sup>: ele teria “olhos muito brilhantes onde o *branco* parecia de porcelana”; “Nem nas crianças loiras ficava tão bem o jaleco *branco*”; “– Você tem uma *brancura* mais linda; a de tua alminha” – lhe disse sua mãe (Chocolate, 1955, p. 32, grifo nosso). Por outro, o conto denuncia o preconceito sofrido pela criança, especialmente no âmbito escolar. O próprio apelido, Chocolate, seria por “carinho e por picardia”. O menino relata que gostaria de ser branco como as demais crianças e sua mãe responde: “–Você é igual a eles. Na Nova Argentina todas as crianças são iguais. O general Perón não quer diferenças entre seus privilegiados” (Chocolate, 1955, p. 32)<sup>28</sup>. O conto termina com Andrés e outras crianças sendo abordadas na rua por Perón. “– [...] [Perón] disse para mim, tocando minha cabeça: adeus lindo!”, relata o menino aos seus pais (Chocolate, 1955, p. 32).

No número 92-93, o último da *Mundo Peronista*, Maria Alicia Dominguez publica o relato *Verídica História do “Negro Raúl”*. Raúl, negro, servia incontestavelmente aos seus patrões e amigos deles, a ponto de ter sido conivente com um abuso sexual sofrido por Inés, com quem trabalhava na mesma residência. A jovem reagiu ao abuso e, antes de fugir da casa, chamou Raúl de “escravo”, uma referência ao seu servilismo.

Com o passar do tempo, Raúl foi abandonado pelos patrões. O relato traça uma continuidade entre os antepassados escravizados e a condição de Raúl na Argentina, ironizando a liberdade conquistada. “– Veja, Negro; estes são os retratos de meus avós. Veja-os. Talvez os teus avós foram escravos de minha família. Veja como mudou o país; você é livre.” – diz um dos patrões a Raúl (Dominguez, 1955, p. 24). No final do relato, Raúl se refere indiretamente a Perón e ao peronismo como uma possibilidade de redenção: “Essa voz também proclama a igualdade de minha raça. Me abre as portas do mundo branco, às quais nunca pude me aproximar sem tremer de frio ou de vergonha.” (Dominguez, 1955, p. 24).

Observa-se que, a exemplo do conto *Chocolate*, o reconhecimento de Raúl pelo peronismo seria por um referencial de branquitude, o de “abrir as portas do mundo branco” aos negros. Não há nos dois textos uma reivindicação cultural do negro como elemento da “argentividade”; contudo, há uma identificação

político-social com os demais trabalhadores, explorados pela “oligarquia” e/ou vítimas de preconceitos diversos.

Ainda que a poesia de Luis Horácio Velázquez evoque a deusa Caa-Yari, a qual teria criado a erva-mate, produto amplamente consumido pelos argentinos, notamos que as menções aos indígenas são semelhantes na revista, pois são evocados a partir de referenciais peronistas: a deusa Caa-Yari intitula uma poesia que enaltece Eva Perón e a escultora Elena Castro de Bordigoni se refere aos indígenas como os “humildes da terra”, condição que o peronismo ressaltava nos demais trabalhadores<sup>29</sup>.

De qualquer modo, os textos apresentam uma perspectiva mais heterogênea da sociedade argentina. Ainda que apropriados pelo peronismo, o preconceito, a violência e o sofrimento são elementos que marcam histórica e culturalmente as comunidades negras e indígenas. A revista indica que essas comunidades despertaram a atenção de escritores e poetas ligados ao governo de Perón.

Com o agravamento da crise econômica e política, a *Mundo Peronista* reforçou as posições do governo e as críticas à oposição. Entretanto, a crise não excluiu temas culturais da revista, tampouco levou necessariamente ao âmbito cultural o mesmo grau de divisões que marcava outras esferas da sociedade argentina. O número 92-93, o último publicado pela revista, é um exemplo disso. O número publicou uma versão condensada do romance *El Último Perro*, de Guillermo House. O romance, de temática rural, tinha sido publicado pela Emecé, editora que também publicava notórios adversários do peronismo como Jorge Luis Borges e Adolfo Bioy Casares (House, 1955, p. 42-46).

Assim como observado em discursos de Perón e Evita e em outros periódicos culturais alinhados com o peronismo, a *Mundo Peronista* se apresentava como uma revista a serviço de uma produção cultural nacionalista que atendesse aos interesses dos trabalhadores, o que implicaria alinhamento de artistas, escritores e intelectuais com o governo de Perón. Contudo, apesar de ser uma publicação vinculada à Escola Superior Peronista, as referências culturais e sobre cultura presentes na revista não foram homogêneas, conforme era de se esperar em um periódico voltado à difusão de uma “doutrina”, como o peronismo concebia a si próprio; essas referências foram igualmente heterogêneas se pensarmos no público-alvo, os trabalhadores peronistas, o que indica a imprecisão do apelo ao “popular” e “nacional” e suas variações dentre os próprios peronistas em um período de rápidas e profundas transformações da sociedade argentina.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os exemplos anteriormente tratados indicam o que Tânia Regina de Luca destaca sobre o papel da imprensa de registrar cotidianamente “cada lance dos embates na arena do poder” (Luca, 2008, p. 128). Ainda que imprensa seja um qualificativo incompleto para a *Mundo Peronista*, consideramos que a observação da autora seja adequada para os periódicos de um modo geral.

Esses lances cotidianos ficam em segundo plano especialmente em processos históricos marcados por acentuada polarização política, como foi o caso da Argentina durante o governo de Perón. Após sua queda, em 1955, o quadro de polarização se manteve e se acentuou. Artistas, escritores e intelectuais antiperonistas difundiram as perseguições sofridas e, com o peronismo proscrito, o que predominou foi a memória do dirigismo do governo de Perón no âmbito cultural e suas propostas centradas no “nacional” e no “popular”, o que ofuscou as variações e nuances apresentadas pela produção cultural alinhada ao peronismo<sup>30</sup>.

## REFERENCIAS

- ¡VAYAN a bañarse! *Mundo Peronista*, Buenos Aires, n. 48, 15 ago. 1953.
- 3 OPINIONES y una verdad. *Mundo Peronista*, Buenos Aires, n. 5, 15 set. 1951.
- AMERICANISTA. *Mundo Peronista*, Buenos Aires, n. 18, 1 abr. 1952.
- ARTE en las escuelas. *Mundo Peronista*, Buenos Aires, n. 7, 15 out. 1951.
- BARRIOS, Américo. “Los días de América”. *Mundo Peronista*, Buenos Aires, n. 52, 15 out. 1953.
- BENTO, Cida. *O pacto da branquitude*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Multidões em cena: propaganda política no varguismo e no peronismo*. 2. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2009.
- CERTEAU, Michel de. *A cultura no plural*. 3. ed. Campinas: Papyrus, 2003.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural entre práticas e representações*. São Paulo: Difel, 2002.
- CHOCOLATE. *Mundo Peronista*, Buenos Aires, n. 84, 15 abr. 1955. (Nuestro Pequeño Mundo).

CIRIA, Alberto. *Política y cultura popular: la Argentina peronista (1946-1955)*. Buenos Aires: Ediciones de la Flor, 1983.

COEXISTENCIALISMO. *Mundo Peronista*, Buenos Aires, n. 92/93, 1 set. 1955.

CULTURA. *Mundo Peronista*, Buenos Aires, n. 35, 15 dez. 1952.

CULTURA y soberanía. *Mundo Peronista*, Buenos Aires, n. 11, 15 dez. 1951.

DOMINGUEZ, Maria Alicia. Verídica Historia del “Negro Raúl”. *Mundo Peronista*, Buenos Aires, n. 92/93, 1 set. 1955.

EL NIÑO en el arte de la Nueva Argentina. *Mundo Peronista*, Buenos Aires, n. 64, 1 maio 1954.

EN LA hora de los pueblos. *Mundo Peronista*, Buenos Aires, n. 52, 15 out. 1953.

ESTA primera lección del año. *Mundo Peronista*, Buenos Aires, n. 19, 15 abr. 1952.

“ETERNO Ceibo”. *Mundo Peronista*, Buenos Aires, n. 28, 1 set. 1952

EVA Perón, inspiradora de poesía. *Mundo Peronista*, Buenos Aires, n. 90/91, 1 ago. 1955.

EXTRAORDINARIO Resurgimiento Cultural en San Juan. *Mundo Peronista*, Buenos Aires, n. 37, 15 jan. 1953.

GENÉ, Marcela. *Un mundo feliz: imágenes de los trabajadores en el primer peronismo (1946-1955)*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica: Universidad de San Andrés, 2008.

GERMANI, Gino. *Política e sociedade numa época de transição: da sociedade tradicional à sociedade de massas*. São Paulo: Mestre Jou, 1973.

GUITARRA y Plan Quinquenal. *Mundo Peronista*, Buenos Aires, n. 37, 15 jan. 1953.

HACIA el Paraguay. *Mundo Peronista*, Buenos Aires, n. 52, 15 out. 1953.

HASTA en el pueblo más lejano. *Mundo Peronista*, Buenos Aires, n. 9, 15 nov. 1951.

HAYDN y el changuito. *Mundo Peronista*, Buenos Aires, n. 7, 15 out. 1951.

HOUSE, Guillermo. El Último Perro (condensada). *Mundo Peronista*, Buenos Aires, n. 92/93, 1 set. 1955.



INTERNACIONALISMO y nacionalismo. *Mundo Peronista*, Buenos Aires, n. 28, 1 set. 1952.

J. G. La cultura física promueve la solidaridad social. *Mundo Peronista*, Buenos Aires, n. 85, 1 maio 1955.

JAMES, Daniel. *Resistencia e integración: el peronismo y la clase trabajadora argentina, 1946-1976*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2005.

LA ABUELITA de Pirahé. *Mundo Peronista*, Buenos Aires, n. 77, 1 dez. 1954.

LA HORA de los pueblos sojuzgados. *Mundo Peronista*, Buenos Aires, n. 39, 15 fev. 1953.

“LA PATRIA en Marcha”, por Eduardo V. Reynoso. *Mundo Peronista*, Buenos Aires, n. 28, 1 set. 1952.

LA SEÑORA tiene “demasiado” trabajo. *Mundo Peronista*, Buenos Aires, n. 38, 1 fev. 1953. (Recuerdos de Evita).

LANZONI, Raquel Fernandes. *Por um peronismo “sin peros”*: propaganda política em *Mundo Peronista* (1951-1955). 2022. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual Paulista, Assis, 2022. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/f6a4735d-a25d-4313-83d3-3686b0c99a60/content>. Acesso em: 19 mar. 2025.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio de periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 111-153.

MARTÍNEZ, José Mario. Sonetos. *Jornal da UNICAMP*, Campinas, 3 abr. 2023. Disponível em: <https://unicamp.br/unicamp/ju/artigos/jose-mario-martinez/sonetos/>. Acesso em: 5 set. 2024.

MILANESIO, Natalia. *Cuando los trabajadores salieron de compras: nuevos consumidores, publicidad y cambio cultural durante el primer peronismo*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2014.

“MUNDO Peronista” es de los peronistas. *Mundo Peronista*, Buenos Aires, n. 32, 1 nov. 1953.

MÚSICA y colores del Paraguay. *Mundo Peronista*, Buenos Aires, n. 53, 1 nov. 1953.



NACIONALISMOS e internacionalismos. *Mundo Peronista*, Buenos Aires, n. 39, 15 fev. 1953.

NEIBURG, Federico. *Os intelectuais e a invenção do peronismo*. São Paulo: EDUSP, 1997.

OCAMPO, Victoria. *Testimonios*: series primera a quinta. Seleção, prólogo e notas: Eduardo Paz Leston. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1999.

PANELLA, Claudio. *Mundo Peronista*. Una tribuna de doctrina y propaganda. In: PANELLA, Claudio; KORN, Guillermo (org.). *Ideas y debates para la Nueva Argentina*: revistas culturales y políticas del peronismo. La Plata: Universidad Nacional de la Plata, 2010. v. 1.

PANELLA, Claudio; KORN, Guillermo. *Ideas y debates para la Nueva Argentina*: revistas culturales y políticas del peronismo (1946-1955). La Plata: Universidad Nacional de La Plata, 2010-2018. 4 v.

PERÓN, Eva. *A razão de minha vida*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, [1951].

PERÓN, misionero de paz americana en la hora de los pueblos. *Mundo Peronista*, Buenos Aires, n. 70, 15 ago. 1954.

PLOTKIN, Mariano Ben. *Mañana es San Perón*: propaganda, rituales políticos y educación en el régimen peronista (1946-1955). Caseros: Editorial de la Universidad Nacional de Tres de Febrero, 2007.

POR LA gente del teatro. *Mundo Peronista*, Buenos Aires, n. 10, 1 dez. 1951.

SILO GISMO. “Existencialistas” y “crotos”. *Mundo Peronista*, Buenos Aires, n. 39, 15 fev. 1953.

SILVA, Paulo Renato da. A devolução dos troféus da Guerra da Tríplice Aliança e a “confraternidade argentino-paraguaia” (1954). *História Unisinos*, São Leopoldo, v. 19, n. 1, p. 12-22, 2015. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/historia/article/view/htu.2015.191.02/4584>. Acesso em: 18 mar. 2025.

SILVA, Paulo Renato da. Alpargatas sí, libros no? Peronismo, literatura e setores populares na obra de Luis Horacio Velázquez (1944-1954). *Passagens*: revista internacional de história política e cultura jurídica, Rio de Janeiro, v. 5, n. 3, p. 465-486, 2013, Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3373/337328460006.pdf>. Acesso em: 5 nov. 2025.

SUR. Por la reconstrucción nacional. *Sur*, Buenos Aires, n. 237, 1955. Disponível em: [https://cedinpe.unsam.edu.ar/sites/default/files/pdfs/sur\\_237.pdf](https://cedinpe.unsam.edu.ar/sites/default/files/pdfs/sur_237.pdf). Acesso em: 24 mar. 2025.

TESTIMONIOS de un pueblo feliz: Primavera Estudiantil Peronista. *Mundo Peronista*, Buenos Aires, 1 out. 1954.

VOCACIÓN de Maestro. *Mundo Peronista*, Buenos Aires, n. 12, 1 jan. 1952. (El Ejemplo Peronista).

ZANITTI, Rina. Me aplazaron ¡No estudio más! Escribiré. *Mundo Peronista*, Buenos Aires, n. 89, 1 jul. 1955.

## NOTAS

- 1 Doutor em História pela Universidade Estadual de Campinas (2009) e professor da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA) em Foz do Iguaçu (PR). [Orcid: https://orcid.org/0000-0002-6603-0419](https://orcid.org/0000-0002-6603-0419) [E-mail: pauloparesi@yahoo.com.br](mailto:pauloparesi@yahoo.com.br)
- 2 As primeiras edições dos livros citados estão indicadas entre parênteses.
- 3 Traduzimos ao português todas as citações de fontes e bibliografia em espanhol.
- 4 Roger Chartier destaca que o principal objeto da História Cultural é “identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler.” (Chartier, 2002, p. 16-17). Além disso, o autor frisa que essa construção deve ser sempre pensada a partir de “lutas de representações”, nas quais “um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são seus, e o seu domínio” (Chartier, 2002, p. 17, grifo nosso). Outro ponto importante é o que Chartier chama de “esquema intelectual incorporado”, ou seja, as “lutas de representações” são pautadas por releituras e apropriações de processos histórico-culturais anteriores e inclusive de posicionamentos dos adversários políticos, o que nos parece bastante útil para compreender as variações existentes na produção cultural peronista.
- 5 Jorge Newton era autor de romances marcados por conteúdo político-social. Seus textos, assim como dos demais colaboradores, geralmente não eram assinados e apareciam sob pseudônimos. No número 32, a revista explicou a ausência de assinaturas porque os textos seriam “patrimônio do povo”, motivo pelo qual os autores abririam mão dos direitos autorais (Mundo [...], 1953, p. 48).
- 6 A Editorial Haynes foi fundada em 1904 e se destacou pela publicação de revistas voltadas ao público em geral e a segmentos específicos como mulheres e crianças. Durante o governo de Perón, foi adquirida por Carlos Aloé (1900-1978), secretário da presidência argentina durante o primeiro mandato peronista e governador da Província de Buenos Aires a partir de 1952.
- 7 O primeiro número da revista, em 1951, foi vendido a 1,50 pesos e o último, em 1955, foi comercializado a 3 pesos, o que é um indício da inflação no período. Entre os números 50 e 53, publicados entre 15 de setembro e 1º de novembro de 1953, lemos na última página de cada edição, que as Unidades Básicas e sindicatos teriam um desconto de 3 para 2,40 pesos caso encomendassem pelo menos 10 exemplares, o que indica o propósito de atingir especialmente esse público. A título de comparação, em 5 de outubro de 1953, o jornal diário La Prensa, o qual tinha sido expropriado pelo governo, custou 40 centavos, enquanto a Mundo Peronista, quinzenal, foi vendida a 3 pesos naquele mês (números 51 e 52), ou seja, o valor aproximado de uma semana do La Prensa. Um indício da tiragem expressiva da revista é a presença de várias propagandas do governo e de empresas públicas e privadas, algumas delas multinacionais que atuavam ou tinham representantes na Argentina; de modo descontínuo, encontramos publicidade de empresas como Coca-Cola, Fiat, Ford, Philips, General Electric, Mercedes-Benz.
- 8 Alberto Ciria, apesar de destacar a elasticidade e o pragmatismo do peronismo no âmbito cultural, analisa a Mundo Peronista predominantemente a partir do viés da propaganda política. Porém, o autor ressalta que fez uma “análise de conteúdo” pautada por um “propósito introdutório” (Ciria, 1983, p. 288). Ciria é citado por Panella, mas não por Lanzoni.
- 9 As Unidades Básicas foram criadas para aproximar o partido das bases, atuando em bairros e cidades interioranas. Além disso, o objetivo era criar quadros e oferecer serviços à população.

- 10 Um exemplo dessa complexidade está na coleção *Ideas y debates para la Nueva Argentina: revistas culturales y políticas del peronismo (2010-2018)*, organizada por Claudio Panella e Guillermo Korn. A coleção, composta por 4 volumes, analisa cerca de 50 publicações peronistas voltadas a diferentes temas e públicos.
- 11 Segundo Panella (2010, p. 286), J. G. seria um dos pseudônimos usados por Jorge Newton, diretor da *Mundo Peronista*.
- 12 Além de ser um elemento forâneo, o francês era recorrente no aprendizado de meninas pertencentes a famílias ricas. Victoria Ocampo, uma das mais importantes mecenas culturais argentinas do século XX – e um dos principais expoentes do antiperonismo no meio intelectual – afirmava que seu primeiro idioma tinha sido o francês (Ocampo, 1999, p. 77).
- 13 Segundo Panella (2010, p. 286), Silo Gismo era outro pseudônimo usado por Jorge Newton.
- 14 Perón evocou o princípio da “confraternidade argentino-paraguaia”, segundo o qual argentinos e paraguaios seriam dois povos, mas com a mesma história e cultura. Exemplos dessa confraternidade seriam a segunda e definitiva fundação de Buenos Aires, em 1580, a partir de uma expedição saída de Asunción; a participação de paraguaios na luta contra as invasões inglesas em Buenos Aires no início do século XIX e na independência da América nas tropas de San Martín; e a atuação de Solano López – antes de ser presidente do Paraguai – como mediador nas guerras civis que marcaram a Argentina no século XIX. Sobre a “confraternidade argentino-paraguaia” cf. Silva (2015).
- 15 A “dança da garrafa” é uma dança folclórica tradicional, na qual mulheres, em trajes “típicos”, equilibram garrafas na cabeça enquanto dançam.
- 16 O *nhanduti*, de origem espanhola, é uma renda conhecida no país, caracterizada pela delicadeza dos fios e desenhos.
- 17 É uma provável referência ao hábito comum no Paraguai de descascar a laranja e chupar o suco até o fim, sem cortá-la em pedaços.
- 18 Em 17 de outubro de 1945, milhares de trabalhadores se mobilizaram pela libertação de Perón, que tinha sido preso dias antes. Para os peronistas, o 17 de outubro se tornou o “Dia da Lealdade”, pois os trabalhadores teriam saído em defesa do seu “líder”.
- 19 Formado por dez princípios, o decálogo visava à amizade e integração entre os dois povos e países.
- 20 Os troféus eram bens paraguaios, públicos e privados, que tinham sido levados por tropas argentinas durante a Guerra da Tríplice Aliança (1864/1865-1870). Tropas brasileiras e uruguaias recorreram à mesma prática. Em tempo: Stroessner governaria o Paraguai ditatorialmente por quase 35 anos.
- 21 *Zambas*, *malambos*, *bailecitos* e *chamamés* são danças e/ou ritmos musicais. O plano quinquenal, por sua vez, tinha o objetivo de planejar e estimular a economia argentina por cinco anos – o governo de Perón apresentou dois planos quinquenais.
- 22 Era um complexo educativo, esportivo e recreativo que atendia a crianças pobres e órfãs.
- 23 “Um soneto é um poema com 14 versos, em geral divididos em dois quartetos e dois tercetos. O soneto clássico [...] tem regras mais rígidas. Por exemplo, rimas consonantes e um número fixo de sílabas em cada verso. O mais comum é encontrar sonetos com versos decassílabos, em que a última sílaba acentuada em cada verso é a décima. Em espanhol, tais versos se dizem endecassílabos porque, como a maioria das palavras em nossas línguas são paroxítonas, quando a última sílaba acentuada é a décima, o mais comum é que o verso tenha 11 sílabas” (Martínez, 2023).
- 24 A literatura *gauchesca* é aquela que daria voz ao gaúcho, à sua história, cultura, sentimentos e necessidades.
- 25 Acreditamos que Aguirre seja uma referência ao compositor argentino Julián Antonio Tomás Aguirre (1868-1924).
- 26 Durante o governo de Perón, Luis Horacio Velázquez foi presidente da Comissão Nacional Protetora de Bibliotecas Populares. Para saber mais sobre o poeta e escritor e sua relação com o peronismo cf. Silva (2013).
- 27 Cida Bento (2022, p. 14-15) destaca que a branquitude está relacionada à supremacia branca, “uma relação de dominação de um grupo sobre outro, [...] na política, na cultura, na economia e que assegura privilégios para um dos grupos e relega péssimas condições de trabalho, de vida, ou até a morte, para o outro”.
- 28 Perón e Evita diziam que as crianças passaram a ser os únicos privilegiados existentes na Argentina, o que demonstraria a preocupação do governo com suas necessidades e a equidade social que estaria em curso no país.
- 29 Na autobiografia *A razão de minha vida*, Eva Perón dedica um subcapítulo à “dor dos humildes” ([1951], p. 162).
- 30 Um exemplo dessa leitura do peronismo por artistas, escritores e intelectuais de oposição pode ser encontrada no número 237 da revista *Sur* de Victoria Ocampo, correspondente aos meses de novembro e dezembro de 1955. Portanto, foi publicado logo após a queda de Perón em setembro. Para saber mais sobre a relação de artistas, escritores e intelectuais com o peronismo, especialmente após 1955, cf. Neiburg (1997).